

ÁREA: Empreendedorismo, Startups e Inovação

**A INFLUÊNCIA DAS ATIVIDADES EMPREENDEDORAS EXTENSIONISTAS NA  
INTENÇÃO DE EMPREENDER DOS ESTUDANTES**

## RESUMO

O presente estudo teve como propósito investigar a Educação Empreendedora desenvolvida de maneira extracurricular nas Escolas Técnicas Estaduais de São Paulo, verificando, nesse contexto, em que medida as atividades empreendedoras extensionistas influenciam na intenção de empreender dos estudantes das séries e módulos finais, considerando os traços de personalidade e a existência de negócios na família. Para tanto, foi necessário abordar aspectos mais específicos relativos as atividades extensionistas criadas pela própria Escola Técnica (Etec) e outras atividades oriundas de parcerias com instituições públicas, privadas ou organizações da sociedade civil voltadas ao desenvolvimento do empreendedorismo. A lacuna teórica encontrada na literatura nacional e internacional nesta temática permite reconhecer que a presente pesquisa traz uma contribuição aos gestores das escolas de nível médio, em particular às equipes acadêmicas e pedagógicas, no que se refere ao potencial da oferta de atividades empreendedoras extracurriculares no efetivo desencadeamento da intenção de empreender dos estudantes, não se restringindo ao ensino ou à pesquisa sobre empreendedorismo. Desvelar tal realidade exigiu um olhar atento que permitiu ponderar quais os traços de personalidade dominantes nos indivíduos que apresentam a intenção de empreender. Assim sendo, os objetivos deste trabalho desdobram-se em: (i) identificar qual traço de personalidade tem maior influência sobre a intenção de empreender, (ii) verificar se a Educação Empreendedora extracurricular tem influência na relação entre traços de personalidade e intenção de empreender e (iii) analisar a influência da existência de negócios na família na intenção de empreender dos estudantes. O alvo desta pesquisa situa-se, assim, na convergência entre os traços da personalidade e a decorrente intenção de empreender dos estudantes. Por meio da análise multivariada de dados e modelagem de equações estruturais foi verificada a influência dos traços de personalidade, da educação empreendedora extracurricular e da existência de negócios na família na intenção de empreender dos estudantes. Constatou-se que todos os traços de personalidade considerados (Abertura a Novas Experiências, Amabilidade, Conscienciosidade, Extroversão e Neuroticismo) mostraram relação estatisticamente significativa com a Intenção de Empreender dos alunos que participaram da pesquisa. Enquanto Abertura a Novas Experiências, Conscienciosidade e Extroversão apresentaram maiores coeficientes, denotando uma forte influência na intenção de empreender, os traços Amabilidade e Neuroticismo, embora também tenham mostrado efeito positivo, apresentaram menor poder de explicação, ou seja, uma fraca influência, como esperado. A influência das atividades empreendedoras extracurriculares sobre a intenção de empreender, medida por Análise de Regressão Simples, apresentou uma relação positiva e significativa, permitindo concluir que a participação dos estudantes nas atividades de Educação Empreendedora Extracurricular tem poder de predição e significância na intenção de empreender.

**Palavras-chave:** empreendedorismo; educação empreendedora; perfil empreendedor; intenção de empreender; atividades extracurriculares.

## ABSTRACT

The present study aimed to investigate Entrepreneurial Education developed extracurricularly in the State Technical Schools of São Paulo, verifying, in this context, to what extent extensionist entrepreneurial activities influence the intention to undertake of students in the final grades and modules, considering the traits of personality and the existence of business in the family. To this end, it was necessary to address more specific aspects relating to extension activities created by the Technical School itself (Etec) and other activities arising from partnerships with public and private institutions or civil society organizations focused on development. of entrepreneurship. The theoretical gap found in the national and international literature on this topic allows us to recognize that this research makes a contribution to managers of secondary schools, in particular to academic and pedagogical teams, with regard to the potential of offering extracurricular entrepreneurial activities in the workforce. triggering students' entrepreneurial intention, not restricted to teaching or research on entrepreneurship. Unveiling this reality required a careful look that allowed us to consider which personality traits are dominant in individuals who intend to undertake. Therefore, the objectives of this work are: (i) to identify which personality trait has the greatest influence on the intention to undertake, (ii) to verify whether extracurricular entrepreneurial education has an influence on the relationship between personality traits and intention to undertake and (iii) analyze the influence of the existence of family businesses on students' entrepreneurial intention. The target of this research is, therefore, the convergence between personality traits and the resulting entrepreneurial intention of students. Through multivariate data analysis and structural equation modeling, the influence of personality traits, extracurricular entrepreneurial education and the existence of family businesses on the students' intention to undertake was verified. It was found that all personality traits considered (Openness to New Experiences, Agreeableness, Conscientiousness, Extraversion and Neuroticism) showed a statistically significant relationship with the Entrepreneurial Intention of the students who participated in the research. While Openness to New Experiences, Conscientiousness and Extraversion presented higher coefficients, denoting a strong influence on the intention to undertake, the traits Agreeableness and Neuroticism, although they also showed a positive effect, presented less explanatory power, that is, a weak influence, as expected. The influence of extracurricular entrepreneurial activities on the intention to undertake, measured by Simple Regression Analysis, presented a positive and significant relationship, allowing us to conclude that the participation of students in Extracurricular Entrepreneurial Education activities has predictive power and significance in the intention to undertake.

**Keywords:** entrepreneurship; entrepreneurial education; entrepreneurial profile; intention to undertake; extracurricular activities.

## **1 INTRODUÇÃO**

À educação no século XXI cabe responder ao grande desafio relativo à capacidade de integrar conhecimentos, ou seja, religar e contextualizar saberes, de maneira investigativa, reflexiva, crítica e inovadora, com foco na superação da dicotomia entre adquirir conhecimento (na escola) e aplicar o conhecimento (no trabalho), de maneira a ampliar as perspectivas de atuação dos estudantes, com reais oportunidades para continuar aprendendo após o término da formação acadêmica. Nessa perspectiva, há estudos que apontam a mudança verificada no papel da escola ao longo do tempo, em que a pluralidade de saberes difusos, que circulam por diferentes canais, evidencia que a sala de aula deixou de ser o único lugar de legitimação do saber, trazendo ao sistema educacional um forte e complexo desafio (Saes; Marcovitch, 2020).

Como promotora da pesquisa, do ensino e da extensão, a instituição tem como atribuição a construção de um arcabouço teórico-metodológico, com possibilidades concretas de práticas alinhadas a diferentes contextos, para o processo de ensino e aprendizagem, por meio da oferta, dentre outros, de atividades curriculares e extracurriculares. Tal desafio, tratado nos estudos de Lopes, Teixeira (2010), contempla, ainda, segundo os autores, a inserção de jovens no mercado de trabalho, o que compõe permanentemente a agenda de governos, que buscam caminhos para criar oportunidades de trabalho e oferecer uma formação que atenda às exigências dos diferentes setores da economia.

É neste contexto que esta pesquisa se insere, com o objetivo de investigar a Educação Empreendedora desenvolvida de maneira extracurricular nas Escolas Técnicas Estaduais de São Paulo – Etecs, unidades do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, e verificar em que medida as atividades de extensão exercem influência na intenção de empreender dos egressos e dos estudantes das séries e módulos finais. Outros fatores também compõem o cabedal em estudo, tais como os traços de personalidade e a existência de negócios na família.

A lacuna teórica encontrada na literatura nacional e internacional nesta temática permite reconhecer que a presente pesquisa traz uma contribuição aos gestores das escolas técnicas, em particular às equipes acadêmicas e pedagógicas, no que se refere ao potencial da oferta de atividades empreendedoras extracurriculares para o efetivo desencadeamento da intenção de empreender dos estudantes, não se restringindo ao ensino ou à pesquisa sobre empreendedorismo.

O alvo desta pesquisa situa-se, assim, na convergência entre os traços de personalidade e a decorrente intenção de empreender dos participantes da Educação Empreendedora promovida de maneira extracurricular, simultânea às atividades curriculares.

## **2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS**

Para Gurol, Atsan (2006) os fatores desencadeantes do empreendedorismo podem ser classificados nos níveis individual, social e ambiental. Os fatores individuais focam as características de personalidade dos indivíduos. Já os fatores sociais referem-se à trajetória de vida pessoal e familiar, com suas experiências, eventuais avanços e retrocessos. Os fatores ambientais examinam questões contextuais, tais como oportunidades de formação empreendedora e de atuação profissional, o impacto das condições de mercado e situação econômica.

Dessa forma, o referencial teórico selecionado para embasar a presente pesquisa contempla estudos relativos aos traços de personalidade, no nível individual, Educação Empreendedora extracurricular, no nível ambiental e a influência da família, no nível social.

## 2.1 Traços de Personalidade

Para além dos programas da Educação Empreendedora extracurricular, das parcerias firmadas para o desenvolvimento de competências e habilidades empreendedoras, é necessário considerar o perfil dos estudantes, seus conhecimentos e interesses. Nessa linha, Santos, Minuzzi, Cruz (2007) destacam a importância de se conhecer o perfil dos estudantes:

[...] deve-se dar atenção, antes de tudo, ao estabelecimento do perfil empreendedor dos alunos que compõem a turma, que pode ter origem na cultura familiar, ligada aos negócios, e a partir daí focar também no desenvolvimento dos traços psicológicos ligados ao empreendedorismo (Santos; Minuzzi; Cruz, 2007, p. 8).

Dessa forma, acredita-se na importância do levantamento e da análise das características dos estudantes, incluindo traços de personalidade, conhecimentos e habilidades (Santos; Minuzzi; Cruz, 2007).

Na literatura sobre a Educação Empreendedora no Ensino Médio, há estudos publicados que abordam o impacto da educação para o empreendedorismo (Elert; Andersson; Wennberg, 2015). Lepoutre et al. (2010) apresentam uma nova abordagem para testar os efeitos da educação para o empreendedorismo e Marques et al. (2012) discutem os fatores que antecedem a intenção de empreender dos indivíduos. Os estudos de Raposo et al. (2008), em que é constatado que os indivíduos com intenção de empreender, com maior propensão para a criação de startups, possuem autoconfiança e capacidade de liderança, apresentam a importância da Educação Empreendedora no desenvolvimento das características próprias do perfil empreendedor.

A Propensão ao Empreendedorismo diz respeito à inclinação para o autoemprego (Chavan; Taska, 2017), ou seja, “à predisposição favorável de um indivíduo para criação de novos empreendimentos” (Chelariu *et al.*, 2008, p. 406). A propensão antecede a intenção de empreender (Krueger; Reilly; Casrud, 2000; Sušan; Jakopec; Miljković Krečar, 2015). E a intenção, desta feita, é preditora da ação de empreender (Krueger; Brazeal, 1994).

Ao analisar os diversos trabalhos sobre empreendedorismo, observa-se que os que abordam o desencadeamento do comportamento empreendedor ganham projeção, conforme apontado por Liñan, Chen (2009). Em função disso, vários modelos tem sido desenvolvidos, no sentido de auxiliar a identificação dos fatores que exercem influência na intenção de empreender (Drennan; Kennedy; Renfrow, 2005). Os modelos de intenção empreendedora auxiliam no entendimento das crenças individuais relacionadas aos sonhos, às ações futuras e às expectativas de realização.

A convergência de diferentes pesquisas em determinadas facetas da personalidade confere importância aos estudos, conforme apontado por Hall, Lindzey, Campbell (2000). No entanto, o emprego de linguagens específicas nas teorias formuladas causa um desnorteamento aos estudiosos. Como resposta a essa questão, em uma tentativa de padronização da terminologia e da definição de cada

dimensão, surgiu o modelo Cinco Grandes Fatores, utilizado nesta pesquisa, doravante tratado como CGF. Garcia (2006) ressalta a importância do CGF, como um dos modelos mais difundidos para descrever os traços da personalidade. O estudo dos traços de personalidade permite resumir, prever e explicar o comportamento de um indivíduo, de maneira que a explicação para a atitude será encontrada no próprio indivíduo, e não na situação. Como decorrência, tem-se que algum tipo de processo interno seja o responsável pela produção do comportamento. Os traços não são imutáveis, embora considerados parte constante, em função de representarem uma tendência da personalidade. A existência da possibilidade de mudanças decorrentes das interações das pessoas com o seu meio social e das aprendizagens adquiridas é uma realidade. Drennan; Kennedy; Renfrow (2005) já haviam apontado que os traços podem sofrer influência de fatores motivacionais, afetivos, comportamentais e atitudinais.

No Brasil, a composição do modelo CGF considera cinco fatores básicos denominados Abertura para Novas Experiências, Extroversão, Amabilidade, Conscienciosidade e Neuroticismo. Embora seja possível encontrar diferentes denominações para alguns desses fatores, há consenso nas definições, uma vez que identificam aspectos semelhantes, conforme apresentado no Quadro 1.

**Quadro 1 - Traços associados aos CGF**

| Traços                      | Traços associados   |
|-----------------------------|---|
| Neuroticismo                | Afetividade negativa, nervosismo, ansiedade, tristeza.  |
| Extroversão                 | Energia, entusiasmo, sociabilidade, atividade, assertividade e afetividade                      |
| Amabilidade                 | Altruísmo, afeto, confiança, modéstia, simpatia   |
| Conscienciosidade           | Constrangimento, controle de impulsos, pensar antes de agir, seguir normas, planejar, organizar |
| Abertura (para experiência) | Originalidade, mente aberta   |

Fonte: John, Naumann e Soto, 2008.

Os estudos desenvolvidos por Bygrave, Zacharakis (2010) apontam que o empreendedorismo é, em sua base, um processo de aprendizagem e o seu desenvolvimento parte da necessidade de conhecer como se dá essa aprendizagem. Os autores assinalam, pautados em uma abordagem psicológica e particular, que os traços de personalidade de cada indivíduo permitem explicar porque alguns empreendem e outros não. Assim sendo, cabe ponderar quais seriam os traços dominantes nos indivíduos que apresentam a intenção de empreender (Besutti; Angonese, 2017).

## 2.2 Educação Empreendedora

O estudo sobre empreendedorismo tem sido assumido por um grupo heterogêneo de acadêmicos. Tais estudos não confluem para um único paradigma, tampouco apresentam uma estrutura de trabalho integradora que o sustente (Fayolle, Gailly, Lassas-Clerc, 2006; Verduyn; *et al.*, 2017). Tem-se, no entanto, que parte das investigações realizadas corroboram a ideia de que características psicológicas relativas ao perfil empreendedor podem ser construídas culturalmente. Em um nível mais amplo, tais características podem indicar não apenas um indivíduo empreendedor, que pode se tornar autônomo e proprietário de uma empresa, mas também um indivíduo capaz de buscar o empreendedorismo e a inovação como um colaborador, demonstrando, assim, um “comportamento empreendedor” (Gibb, 2002).

Cabe destacar, conforme alertam Iizuka, Moraes (2014), que a Educação Empreendedora não pode ser confundida com a educação voltada ao gerenciamento de empresas já estabelecidas. Os empreendedores, que buscam atuar com base nas oportunidades identificadas em determinado cenário, vão muito além da gestão de recursos existentes. Nessa esteira, os autores sinalizam que a formação para o empreendedorismo deve abarcar em seus programas atividades que fomentem habilidades socioemocionais, pautadas em fatores motivacionais, privilegiando os aspectos comportamentais em relação aos conteúdos técnicos e instrumentais.

Segundo Fior, Mercury (2003), as atividades extracurriculares, extensionistas, embora não obrigatórias, encontram-se sob a égide da escola e compõem de forma orgânica o conjunto de atividades escolares. Nos estudos já realizados, as atividades extracurriculares são comumente tratadas como "currículo paralelo" e estão compreendidas nas atividades de extensão, que têm como base a valorização dos saberes da comunidade, da cultura plural, da diversidade, do contexto, do ambiente, do mundo do trabalho, da ética e da estética social.

O desenvolvimento de competências atitudinais, dentro de uma proposta paralela ao currículo formal, é essencial para compor o perfil dos profissionais do futuro (Oliveira; *et al.*, 2017), tendo em vista que a descoberta de potencialidades pessoais, de motivações e sonhos pode ajudar os estudantes a conceberem seus próprios projetos, com base em novos paradigmas, considerando todas as peculiaridades e incertezas da sociedade moderna.

Ao considerar os estudos de Lautenschläger, Haase (2011), Peterson, Limbu (2010), e de Ruskovaara *et al.* (2010), apontados também por Iizuka, Moraes (2014), verifica-se a real possibilidade de tratar questões teóricas e culturais do empreendedorismo por meio de aulas expositivas. No entanto, conforme indicado nesses estudos, o desenvolvimento de habilidades e de competências mais específicas, que pressupõem criatividade, inovação, proatividade e assunção de risco, exigem metodologias mais apropriadas, com atividades práticas contextualizadas.

A Educação Empreendedora apresenta-se, ainda assim, como uma oportunidade às escolas e aos próprios estudantes enredados, para construir articulações entre as diversas ações criadas por diferentes esferas a partir das heranças e das urgências explícitas no âmbito regional, sejam elas de cunho educacional, de inovação, de investimento ou de sustentação social ou tecnológica. Tais articulações, com instituições públicas, privadas ou organizações da sociedade civil, dão origem a um ecossistema propulsor do empreendedorismo, que permite ressignificar o contexto e identificar lacunas que rogam por inovação, por meio da mobilização do conhecimento científico, do conhecimento prático e de saberes populares. Tais articulações, ao funcionarem como um catalizador de temáticas, interligam os propósitos da Educação Empreendedora às demandas do ambiente socioeconômico. Tem-se como decorrência a economia criativa, o empreendedorismo solidário e a cultura da inovação, dentro de um *continuum* ascendente (Bianco; Gheno, 2020).

Assim sendo, a Educação Empreendedora extracurricular pode ser compreendida como um diferencial da escola, que potencializa a formação integral do estudante. Cabe à escola mobilizar o interesse dos estudantes, de maneira a torná-los agentes de sua própria formação. Não se trata de somente apresentar as características de um indivíduo empreendedor, mas, sim, incentivar os estudantes a buscá-las e reconhecê-las dentro si, colocando-as em prática, para que possam "aprender a empreender" (Reginato; *et al.*, 2015). O autor aponta que o objetivo das atividades extracurriculares desenvolvidas na Educação Empreendedora deve

ancorar-se na formação de indivíduos que tenham a capacidade de introjetar em sua vida valores, comportamentos e criticidade na visão do mundo e de si mesmos, além da capacidade de inovar, perseverar e conviver em sociedade.

Por se tratar de atividades não obrigatórias, a participação voluntária dos estudantes pode sinalizar um interesse inicial pela temática. Além disso, a busca por uma formação técnica pressupõe o interesse na conquista de uma qualificação profissional que permita a rápida inserção no mercado de trabalho.

### **2.3 Influência Familiar**

A exposição dos estudantes à influência empreendedora familiar configura-se um fator a ser considerado na intenção de empreender. Hisrich; Peters, Shepherd (2007) apontam a ocupação dos pais como fator influenciador na formação do perfil empreendedor. Tem-se, portanto, segundo os autores, que pais ou parentes próximos com negócios próprios tendem a ser um fator de inspiração aos estudantes, em função dos aspectos relativos à independência e à flexibilidade no exercício das atividades do trabalho, dentre outros.

Conhecer a trajetória dos estudantes, seu histórico, interesses e expectativas, mostra-se de suma importância na formulação de atividades extensionistas voltadas ao empreendedorismo, com vistas a lograr êxito no processo educativo. Verificar o que os estudantes sabem a respeito de si mesmos e sobre o contexto que os rodeia permite identificar eventuais influências decorrentes do seu ambiente físico e social.

A trajetória dos estudantes até a sua chegada à série final do Ensino Técnico contabiliza, pelo menos, onze anos de estudos, considerando-se os nove de Ensino Fundamental e dois anos do Ensino Médio. Nestes onze anos, cada estudante, com base em suas vivências no círculo comunitário e familiar, constrói um lastro de valores e uma bagagem de experiências e conhecimentos. Esse cabedal individual não pode ser desconsiderado, tendo em vista que, certamente, influenciará a propensão empreendedora dos estudantes (Iizuka; Moraes, 2014).

Outros pesquisadores corroboram a ideia de que o background familiar constitui-se uma influência relevante no processo de desencadeamento da intenção de empreender do estudante, tendo em vista que os pais garantem, em muitos casos, o suporte necessário para a escolha do empreendedorismo como carreira (Lindquist; Sol; Van Praag, 2015; Mishkin, 2021; Moreno-Gómez; Gómez-Araujo; Castillo-De-Andreis, 2019; Staniewski, Awruk, 2021).

A literatura aponta que a transmissão intergeracional do comportamento empreendedor é mediada pela interação social entre pais e filhos, para além da mera observação (Mishkin, 2021; Staniewski; Awruk, 2021). Os estudos realizados apresentam um conjunto de fatores que explicam a influência da família na decisão de empreender, incluindo fatores genéticos, apoio financeiro (Welsh; Kaciak, 2019), transmissão de valores alinhados ao empreendedorismo e a figura dos pais como referência para os filhos (Hoffmann; Junge; Malchow-Moller, 2015; Laspita *et al.*, 2012; Lindquist; Sol; Van Praag, 2015 ; Staniewski; Awruk, 2021).

Constata-se, ainda, que os filhos recebem de seus genitores uma carga de expectativas, que pode ser atendida ou não. Conceitos, valores e ideologias são transmitidos de geração para geração no ambiente familiar, incluindo-se neste conjunto as concepções sobre estudo, profissão e trabalho. Tem-se, assim, que a família influencia a percepção da realidade e, em grande medida, direciona o interesse profissional de seus filhos, incentivando determinadas atitudes (Soares, 2002).

Costa (2008) sinaliza que a experiência vicária é fator promotor de comportamentos similares aos modelos observados. Ou seja, os indivíduos constroem julgamentos acerca de si mesmos, das próprias capacidades, por meio da observação de modelos sociais. De acordo com o pesquisador, o indivíduo, ao observar as atitudes do outro, avalia as características do modelo e as compara com as suas. A persuasão social também é uma das formas de potencializar a crença dos indivíduos nas suas próprias capacidades, permitindo a tomada de decisão para novos projetos (Boruchovitch; Bzuneck, 2009). Para os pesquisadores Pajares, Olaz (2008), quando há persuasões positivas, o indivíduo se sente encorajado, enquanto persuasões negativas enfraquecem o indivíduo, diminuindo a confiança na sua capacidade.

Diante disso, diferentes estudos constataam que os indivíduos têm mais chances de tornarem-se empreendedores quando contam com um modelo familiar. Negócios próprios na família, em particular as atividades empreendedoras exercidas pelo pai ou pela mãe, são chaves importantes, que estimulam a intenção de empreender. Estudos realizados, baseados na Teoria Social Cognitiva, identificaram a existência do modelo familiar como fator determinante na intenção de empreender (Almeida; Pinho, 2008).

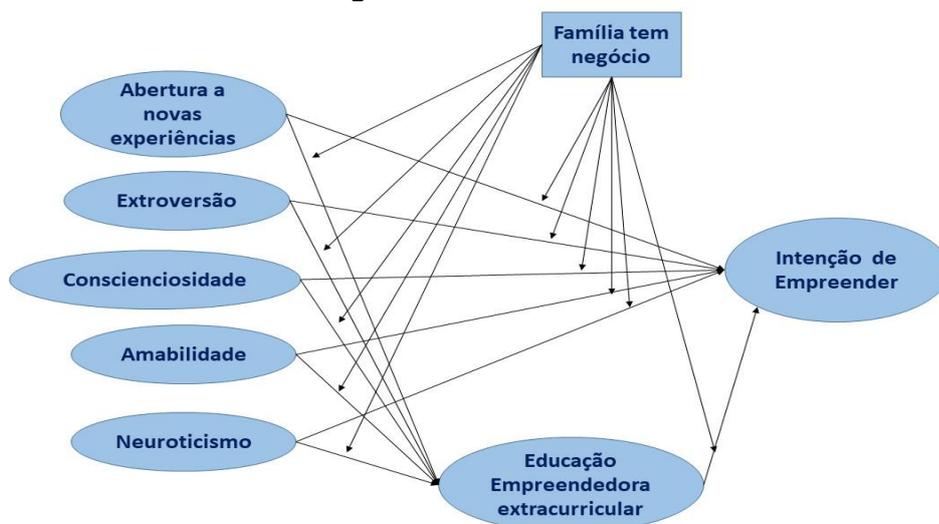
### **3 METODOLOGIA**

Considerando-se os objetivos do trabalho, quais sejam, avaliar a influência dos traços de personalidade dos alunos matriculados na última série ou módulo e dos egressos de Etecs sobre sua intenção de empreender, assim como averiguar se a existência de negócio próprio na família e a sua participação em atividades extracurriculares sobre empreendedorismo afetam essas relações, foram usadas escalas psicométricas para coletar as percepções dos respondentes a respeito dos construtos considerados, quais sejam: Traços de Personalidade e Intenção de Empreender.

Apoiada em um estudo quantitativo e descritivo, a presente investigação pautou-se na utilização de dados bibliográficos (artigos e livros) como fonte de informações secundárias; fontes terciárias, como os mecanismos de busca na Internet e fontes primárias, resultantes da pesquisa aplicada com os participantes (Cooper; Schindler, 2016).

O modelo teórico proposto encontra-se na Figura 1, no qual poderão ser vistas as propostas de i) influência direta de traços de personalidade sobre intenção de empreender, ii) ação mediadora da Educação Empreendedora extracurricular sobre essas relações diretas e iii) ação moderadora de ter negócio próprio na família sobre os efeitos diretos e indiretos de traços de personalidade sobre intenção de empreender.

**Figura 1 – Modelo teórico**



Fonte: De autoria própria.

A revisão da literatura acerca do Empreendedorismo, Educação Empreendedora, Intenção Empreendedora, bem como dos Traços de Personalidade – Modelo CGF e da influência familiar, foi realizada por meio de publicações disponíveis no Portal da Capes, ProQuest e Web of Science.

As escalas psicométricas usadas foram adaptadas da literatura para o contexto considerado e cada uma delas continha assertivas com alternativas Likert de 1 a 5 (1 – Discordo totalmente; 5 – Concordo totalmente) para medir o grau de concordância dos respondentes a cada uma das afirmações feitas. A existência de negócio próprio na família foi medida por meio de pergunta com múltiplas possibilidades de resposta (de “Não, nenhum familiar tem ou teve negócio próprio” até “Sim, pais ou outros familiares (avós, tios ou irmãos). Foram consideradas outras cinco perguntas (idade, sexo, nome da Etec, município e curso que concluiu ou está concluindo) para caracterização da amostra.

#### 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Foram obtidas 340 respostas válidas ao questionário enviado, correspondendo a 22,4% de retorno. Inicialmente foram feitas análises descritivas de modo a caracterizar a amostra sob estudo.

A tabela 1 mostra a distribuição de frequência de sexo, idade e região na qual se localiza a Etec que o aluno frequentou ou frequenta.

**Tabela 1 – Caracterização da amostra (sexo, idade e região da Etec)**

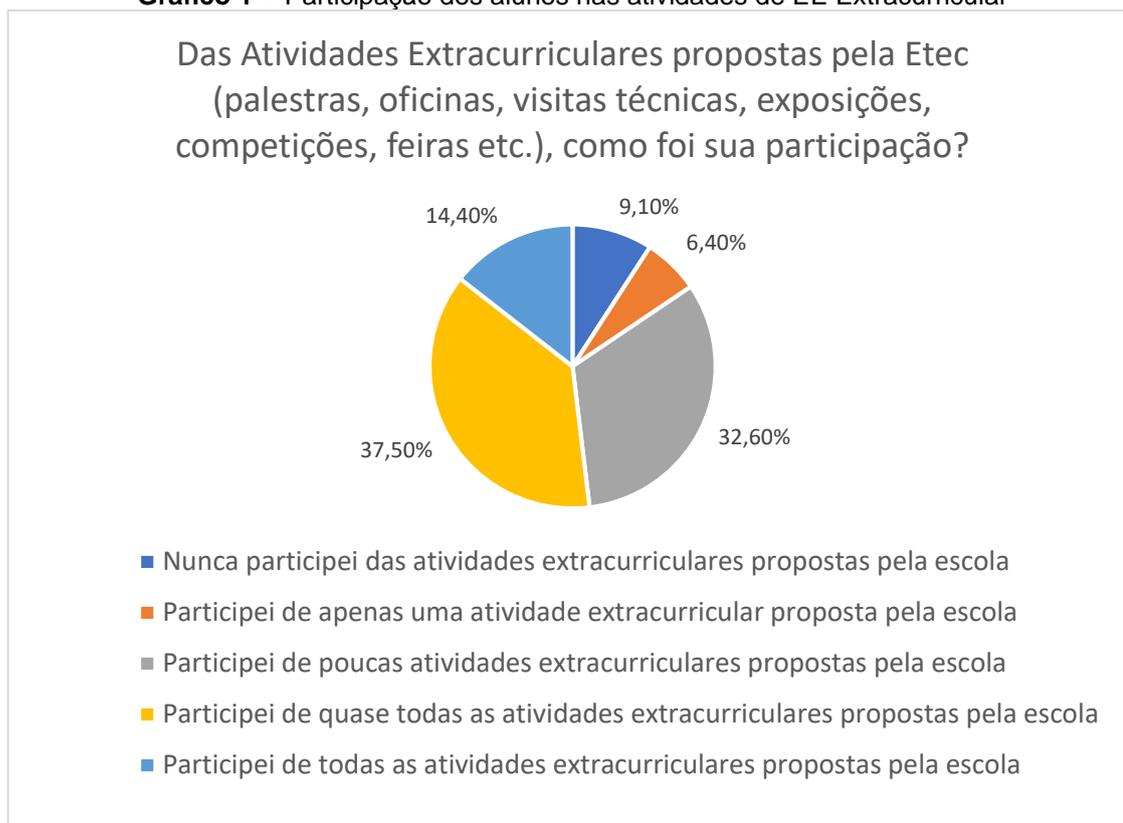
| Características | Frequência                 | Porcentagem  |
|-----------------|----------------------------|--------------|
| Sexo            | Feminino                   | 207<br>60,9% |
|                 | Masculino                  | 133<br>39,1% |
| Idade           | 16 a 18 anos               | 298<br>87,6% |
|                 | 19 a 21 anos               | 17<br>5,0%   |
|                 | Acima de 22 anos           | 25<br>7,4%   |
| Região          | Capital                    | 167<br>49,1% |
|                 | Metropolitana de São Paulo | 173<br>50,9% |

Fonte: De autoria própria.

Tem-se que na amostra constituída para esse estudo há uma preponderância de respondentes do sexo feminino e uma concentração na faixa etária de 16 a 18 anos, que corresponde ao perfil dos alunos matriculados na última série do Curso Técnico integrado ao Ensino Médio. Nota-se um equilíbrio no número de respondentes entre as unidades pesquisadas na Capital e na Região Metropolitana de São Paulo.

O gráfico 1 apresenta o resultado da pesquisa realizada, em que os alunos das séries e módulos finais das Etec sinalizaram a sua participação nas atividades de Educação Empreendedora Extracurricular.

**Gráfico 1** - Participação dos alunos nas atividades de EE Extracurricular



Fonte: De autoria própria.

A análise dos resultados acima permite afirmar que mais de 70% dos respondentes participaram de todas ou quase todas as atividades extracurriculares propostas pela escola.

Feitas as análises descritivas da amostra considerada, comprovou-se que as escalas utilizadas foram válidas e confiáveis. A análise das relações entre as variáveis consideradas no modelo teórico proposto partiu da extração dos escores fatoriais das variáveis Extroversão, Amabilidade, Conscienciosidade, Neuroticismo, Abertura a Novas Experiências e Intenção de Empreender, Tabela 3.

**Tabela 3** – Traços de personalidade → Intenção de empreender (efeitos direto, indireto e total)

| Variáveis precursoras   | Efeito direto |      |      |      | Efeito indireto |      |        |      | Efeito total |      |      |       | R2   |
|-------------------------|---------------|------|------|------|-----------------|------|--------|------|--------------|------|------|-------|------|
|                         | Efeito        | EP   | LIIC | LSIC | Efeito          | EP   | LIIC   | LSIC | Efeito       | EP   | LIIC | LSIC  |      |
| Abertura a Experiências | 0,350         | 0,05 | 0,25 | 0,45 | 0,016           | 0,01 | 0,002  | 0,04 | 0,366        | 0,05 | 0,26 | 0,46  | 0,13 |
| Amabilidade             | 0,206         | 0,05 | 0,10 | 0,31 | 0,023           | 0,01 | 0,004  | 0,05 | 0,229        | 0,05 | 0,12 | 0,33  | 0,05 |
| Conscienciosidade       | 0,374         | 0,05 | 0,27 | 0,47 | 0,019           | 0,01 | -0,008 | 0,05 | 0,394        | 0,05 | 0,29 | 0,49  | 0,15 |
| Extroversão             | 0,352         | 0,05 | 0,25 | 0,45 | 0,016           | 0,01 | 0,002  | 0,04 | 0,367        | 0,05 | 0,26 | 0,46  | 0,15 |
| Neuroticismo            | 0,216         | 0,05 | 0,11 | 0,31 | 0,001           | 0,01 | -0,017 | 0,02 | 0,217        | 0,05 | 0,11 | 0,321 | 0,04 |

Fonte: De autoria própria.

Tendo sido comprovado o efeito mediador de Educação Empreendedora extracurricular na relação entre alguns traços de personalidade (Abertura a Novas Experiências, Amabilidade e Extroversão) e Intenção de Empreender, foi testado o efeito moderador de Negócios Próprios na Família sobre as relações diretas e indiretas de traços de personalidade e Intenção de Empreender.

Os resultados da análise estatística permitiram constatar que todos os traços de personalidade considerados (Abertura a Novas Experiências, Amabilidade, Conscienciosidade, Extroversão e Neuroticismo) mostraram relação estatisticamente significativa com a Intenção de Empreender dos alunos que participaram da pesquisa. Enquanto Abertura a Novas Experiências, Conscienciosidade e Extroversão apresentaram maiores coeficientes, denotando uma forte influência na intenção de empreender, os traços Amabilidade e Neuroticismo, embora também tenham mostrado efeito positivo, apresentaram menor poder de explicação, ou seja, uma fraca influência, como esperado.

Abertura a Novas Experiências, Conscienciosidade e Extroversão apresentaram um satisfatório valor de  $R^2$  e podem ser vistos como traços de personalidade que realmente exercem influência na Intenção de Empreender do grupo pesquisado.

No que diz respeito aos efeitos diretos entre traços de personalidade e Intenção de Empreender, à exceção de Neuroticismo, todos os demais se mostraram relevantes quando a família tem ou não tem negócio, porém dentro da perspectiva que se esperava, qual seja quando a família tem negócio próprio o efeito é maior para os traços Abertura a Novas Experiências, Conscienciosidade e Extroversão e menor para o traço Amabilidade.

Assim, como resumo, pode-se dizer que os resultados demonstraram que Abertura a Novas Experiências e Extroversão afetam a Intenção de Empreender tanto diretamente quando indiretamente, por meio da Educação Empreendedora Extracurricular. Conscienciosidade afeta a Intenção de Empreender diretamente, mas não indiretamente. Amabilidade afeta direta e indiretamente a Intenção de Empreender e Neuroticismo afeta só diretamente, requerendo estudos futuros.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que tange à especificação de experiências pessoais e acadêmicas como preditores da Intenção de Empreender, tem-se que os resultados da pesquisa sinalizam que a participação dos estudantes nas atividades de Educação Empreendedora extracurriculares tem poder de predição e significância na Intenção de Empreender, o que permite afirmar que o ambiente educacional é relevante no desenvolvimento e na potencialização de características pessoais relativas ao perfil empreendedor.

Diante dessa constatação, entende-se que tais evidências podem fomentar a implementação de políticas educacionais que visem disseminar a Intenção de Empreender junto aos discentes, justificando, assim, a ampliação das ações de extensão, por meio de atividades extracurriculares desenvolvidas pela própria equipe pedagógica ou por meio de parcerias com empresas ou organizações da sociedade civil.

As respostas apresentadas pelos alunos participantes nessa pesquisa podem refletir características próprias do perfil discente do Ensino Técnico. A proposta curricular do Ensino Técnico, regular e extensionista, prevê a abordagem de conteúdos e o desenvolvimento de atividades com base na permanente articulação teoria-prática e na construção de redes para além dos muros da escola. Dessa forma, é possível compreender o desenvolvimento humano como um processo socio-histórico, ou seja, à medida que se desenvolve, as estruturas da personalidade ganham forma e o indivíduo vai aumentando sua capacidade criativa e visionária, que confere confiança e pre-disposição à inovação, em uma relação direta com o exercício da imaginação, passando de um vínculo quase exclusivo com a fantasia, na infância, para uma relação, também frutífera, com a racionalidade, tendo na juventude seu ápice (Vigotski, 2010).

Configura-se esse espaço como legítimo para fomentar novas discussões acadêmicas sobre características empreendedoras, metodologias para Educação Empreendedora extracurricular e ações integradoras com a família e a comunidade. Tais resultados deflagram caminhos para outros estudos relativos à Educação Empreendedora desenvolvida por meio de atividades extensionistas. Vale destacar que a presente pesquisa permite a replicação em outros contextos, em outras instituições de ensino, tais como os Institutos Federais – IFS, incluindo, ainda, outros perfis de respondentes, docentes e colaboradores externos, considerando formação e experiência. As contribuições advindas das evidências empíricas apresentadas neste trabalho apontam a necessidade de novos estudos multimetodológicos, dentro de uma proposta de ampliação da base de conhecimentos nesta temática.

## REFERÊNCIAS

ATHAYDE, R. Medindo o potencial empresarial em jovens. **Teoria do empreendedorismo e prática**, v. 33, n. 2, p. 481-500, 2009.

BESUTTI, J.; ANGONESE, R. Traços de personalidade e intenção empreendedora. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, v. 10, n. 3, p. 98- 123, 2017.

BIANCO, E. L.; GHENO, S. M. (org.). **Boas práticas em empreendedorismo e inovação no ecossistema da Inova CPS**. São Paulo: CPS, 2020. Disponível em: <https://inova.cps.sp.gov.br/wp-content/uploads/sites/15/2020/09/Texto-Completo-V13.1.2.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2022.

BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. **Motivação do aluno**: contribuições da psicologia contemporânea. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BYGRAVE, W. D.; ZACHARAKIS, A. **Entrepreneurship**. 2. ed. Hoboken, N.J: Wiley, 2010.

CHAVAN, M.; TAKSA, L.. Shifts in Intergenerational Mobility of Indian Immigrant Entrepreneurs. **International Migration**, v. 55, n. 1, p. 99-127, 2017. Doi:10.1111/imig.12303.

CHELARIU, C. et al. Entrepreneurial propensity in a transition economy: exploring micro-level and meso-level cultural antecedents. *Journal of Business & Industrial Marketing*, v. 23, n. 6, p. 405-415, 2008. doi.org/10.1108/08858620810894454

CPS – CENTRO PAULA SOUZA. Mapeamento das escolas técnicas dos Cursos Paula Souza: Dados gerais. 2022b. Disponível em: <http://www.memorias.cpscetec.com.br/bdctec/resultados/doc>. Acesso em: 29 abr. 2023.

COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em administração**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2016.

COSTA, A. E. B. Modelação. In: BANDURA, A.; AZZI, R. G.; POLYDORO, S. (Eds.). **Teoria social cognitiva**: conceitos básicos. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 123-148.

DRENNAN, J.; KENNEDY, J.; RENFROW, P. Impact of childhood experiences on the development of entrepreneurial intention. **The International Journal Entrepreneurship and Innovation**, v. 6, n. 4, p. 221-288, Nov. 2005 Disponível em [http://www.anpad.org.br/diversos/down\\_zips/53/gct2576.pdf](http://www.anpad.org.br/diversos/down_zips/53/gct2576.pdf). Acesso em: 11 ago. 2022.

ELERT, N.; ANDERSSON, F. W.; WENNERBERG, K. The impact of entrepreneurship education in high school on long-term entrepreneurial performance. **Journal of Economic Behavior & Organization**, Stockholm, v. 111, n. 1, p. 209–223, 2015.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jebo.2014.12.020>. Acesso em: 09 maio 2022.

FAYOLLE, A; GAILLY, B.; LASSAS-CLERC, N. Assessing the Impact of Entrepreneurship Education Programmes: a new methodology. **Journal of European Industrial Training**, v. 30, n. 9, p.701-720, 2006.

FIOR, C. A., MERCURY, E. Formação universitária: o impacto das atividades não obrigatórias. In: MERCURY, E.; POLYDORO, S. A. J. (orgs). **Estudante universitário: características e experiências de formação**. Taubaté: Cabral Editora; 2003. n.29, pp. 191-21.

GARCÍA, L. F. Teorias Psicométricas da Personalidade. In: FLORES-MENDOZA, C.; COLOM, R. (Orgs.). **Introdução à Psicologia das Diferenças Individuais**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 219-241.

GIBB, A. Em busca de um novo paradigma de 'empresa' e 'empreendedorismo' para a aprendizagem: destruição criativa, novos valores, novas maneiras de fazer as coisas e novas combinações de conhecimento. **International Journal of Management Reviews**, v. 4, n. 3, p. 233–269, 2002. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1111/1468-2370.00086>. Acesso em: 05 Jun. 2022.

GUROL, Y.; ATSAN, N. Entrepreneurial characteristics amongst university students. **Education and Training**, v. 18, n. 1, p. 25-38, 2006.

HALL, C. S.; LINDZEY, G.; CAMPBELL, J. B. **Teorias da personalidade**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

IIZUKA, E. S.; MORAES, G. H. S. M. Análise do potencial e perfil empreendedor do estudante de Administração e o ambiente universitário: reflexões para instituições de ensino. **Administração: Ensino e Pesquisa**, [s. l.], v. 15, n. 3, p. 593, 2014. Disponível em: <https://raep.emnuvens.com.br/raep/article/view/16>. Acesso em: 21 dez. 2021.

JOHN, O. P.; NAUMANN, L. P.; SOTO, C. J. Paradigm shift to the integrative big-five trait taxonomy: History, measurement, and conceptual issues. In: JOHN, O. P.; ROBINS, R. W.; PERVIN, L. A. (Eds.). **Handbook of personality: Theory and research**. New York: Guilford Press, 2008. p. 114-158.

KRUEGER JR., Norris F.; BRAZEAL, Deborah V. Entrepreneurial potential and potential entrepreneurs. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 18, n. 3, p. 91-104, 1994.

KRUEGER JR, N. F.; REILLY, M. D.; CARSRUD, A. L. Competing models of entrepreneurial intentions. **Journal of business venturing**, v. 15, n. 5-6, p. 411-432, 2000. doi. org/10.1016/S0883-9026(98)00033-0

LAUTENSCHLÄGER, A.; HAASE, H. O mito da educação para o empreendedorismo: sete argumentos contra o ensino da criação de empresas nas

universidades. **Journal of Entrepreneurship Education**, v. 14, n. 1, p.147-161, 2011.

LEPOUTRE, J. et al. A new approach to testing effects of entrepreneurship education among secondary schools pupils. **Vlerick Leuven Gent Working Paper Series**, p. 1–27, 2010.

LINDQUIST, M. J.; SOL, J.; VAN PRAAG, M. Why do entrepreneurial parents have entrepreneurial children? **Journal of Labor Economics**, v. 33, n. 2, p. 269-296, 2015. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/678493>. Acesso em: 03 jul. 2023.

LOPES, R. A.; TEIXEIRA, M. A. Educação Empreendedora no Ensino Fundamental. In: LOPES, R. M. A. (Org.). **Educação Empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. São Paulo: Elsevier, Cap. 3, p. 45-65, 2010.

MARÔCO, J. **Análise de Equações Estruturais: Fundamentos teóricos, software e aplicações**. 2. ed. Pêro Pinheiro: ReportNumber, 2014.

MARQUES, C. S. et al. Factors Preceding the Formation of Entrepreneurial Intention: An Applied Study of Secondary School Students. **European Conference on Innovation and Entrepreneurship**, v. 2, n. 1, p. 456–465, 2012.

MISHKIN, E. Gender and sibling dynamics in the intergenerational transmission of entrepreneurship. **Management Science**, v. 67, n. 10, p. 5969-6627, 2021. Disponível em: <https://pubsonline.informs.org/doi/10.1287/mnsc.2020.3790>. Acesso em: 22 jun. 2023.

MORENO-GÓMEZ, J.; GÓMEZ-ARAUJO, E.; CASTILLO-DE ANDREIS, R. Parental role models and entrepreneurial intentions in Colombia. **Journal of Entrepreneurship in Emerging Economies**, v. 12, n. 3, p. 413-429, 2019. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/JEEE-04-2019-0048/full/html>. Acesso em: 19 maio 2023.

OLIVEIRA, M. C. S. A. C. et al. **Estratégias ativas de aprendizagem e o desenvolvimento de competências técnicas e atitudinais**. 2017. Disponível em: <https://ensaiospioneiros.usf.edu.br/ensaios/article/view/23>. Acesso em: 13 jul. 2022.

PAJARES, F.; OLAZ, F. Teoria social cognitiva e autoeficácia: Uma visão geral. In: BANDURA, A.; AZZI, R. G.; POLYDORO, S. (Eds.). **Teoria social cognitiva: conceitos básicos**. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 97-114.

PETERSON, R. T.; LIMBU, Y. Características e perspectivas dos estudantes em cursos de empreendedorismo: um perfil. **Journal of Entrepreneurship Education**, v. 13, n. 1, p. 65-83, 2010.

RAE, D. Entrepreneurial learning: Peripherality and connectedness. **International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research**, v. 23, n. 3, p. 486- 503, 2017.

RAE, D.; GEE, S.; MOON, R. The role of an entrepreneurial learning team in creating an enterprise culture in a university. In: FAYOLLE, Alan (Ed.). **Handbook of Research in Entrepreneurship Education**. Massachusetts: Edward Elgar Publishing, 2010. p. 274-296.

RAPOSO, M. et al. Propensão à criação de empresas: pesquisa usando equações estruturais. **Revista Internacional de Gestão de Empreendedorismo**, v. 4, n. 4, p. 485-504, 2008.

REGINATTO, T. et al. Educação empreendedora e gestão escolar: um desafio da escola contemporânea. **Dialogia**, São Paulo, n. 22, p. 69-86, Jul./Dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/6051>. Acesso em: 11 jun. 2022.

SAES, A. M.; MARCOVITCH, J. Educação empreendedora: trajetória recente e desafios. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 1-9, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.14211/regepe.v9i1.1776>. Acesso em: 22 jun. 2022.

SANTOS, P. C. F.; MINUZZI, J.; CRUZ, N. J. T. O ensino do empreendedorismo nos cursos de Administração: sugestões a partir do perfil empreendedor de estudantes Alagoanos e Catarinenses. In: EnEPQ, 1., 2007. Recife: Anpad, 2007.

SOARES, D. H. P. **A escolha profissional: do jovem ao adulto**. São Paulo: Summus, 2002.

STANIEWSKI, M. W.; AWRUK, K. Parental attitudes and entrepreneurial success. **Journal of Business Research**, v. 123, p. 538-546, Feb. 2021. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0148296320306998?via%3Dihub>. Acesso em: 23 abr. 2023.

SUŠANJ, Z.; JAKOPEC, A.; MILJKOVIĆ KREČAR, I. Verifying the model of predicting entrepreneurial intention among students of business and non-business orientation. **Management: Journal of contemporary management issues**, v. 20, n. 2, p. 49-69, 2015.

VERDUYN, P. et al. Do social network sites enhance or undermine subjective well-being? A critical review. **Social Issues and Policy Review**, v. 11, n. 1, p. 274-302, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/sipr.12033>. Acesso em: 14 jul. 2022.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

WONG, K. K.-K. Partial Least Squares Structural Equation Modeling (PLS-SEM) Techniques Using SmartPLS. **Marketing Bulletin**, v. 24, n. 1, p. 1-32, 2013.